

O Tambor de Mina da Casa Ilê Axé Otá Olé: análise do documentário como plataforma de comunicação e resistência¹

Lucas Sousa FONSECA²
Renato Gonçalves Ferreira FILHO³
FIAM-FAAM Centro Universitário, São Paulo, SP

Resumo

O presente artigo relaciona a religião afro-brasileira, Tambor de Mina, com o documentário. Temos o objetivo em saber se esse recurso pode ser uma plataforma de representação e resistência da religião. Para isso selecionamos o documentário “Danças Brasileiras”, que foi realizado pela Tv Cultura em 2005 - no Terreiro de Mina Ilê Axé Otá Olé - em São Luis-MA, e retrata a dança presente na religião. Foram feitas, também, algumas entrevistas com alguns praticantes da religião (membros da casa) e com leigos (estudantes e professores), para sabermos se o documentário retratou fielmente o Tambor de Mina. A base teórica desse artigo é a obra “Desceu na Guma: o caboclo no Tambor de Mina” – da antropóloga Mundicarmo Ferreti.

Palavras-chave: religiões afro-brasileiras; Tambor de Mina; documentário; documentário “Danças Brasileiras”.

Introdução

No Brasil existem vários tipos de culto ao sagrado, as chamadas religiões. Elas se dividem em inúmeros segmentos e crenças. Algumas vieram trazidas da Europa e da Ásia durante a colonização, uma já estava aqui com os nativos e outras (que são o foco dessa pesquisa) vieram com os africanos. As religiões de matriz africana são denominadas afro-brasileiras por conta do sincretismo que há entre elas e o catolicismo, o espiritismo e a crença nativa (indígena). Esse sincretismo foi acentuado por parte dos portugueses devido às condições que negros escravizados eram impostos a seguirem para permanecerem no

¹ Trabalho apresentado na II08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da FIAM-FAAM, email: lucas_sousafonseca@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da FIAM-FAAM, email: renato.filho@fiamfaam.br

sistema colonial portugueses. Tal processo de embranquecimento não deu-se somente na colonização, como agravou-se no século XX e se perpetua com a intolerância religiosa (LUCE, 2010).

O processo de comunicação - transmissão de uma de uma mensagem através de um meio – está diretamente relacionado com o processo midiático que se encontra em uma constante evolução. Assim, é fato que todos os segmentos sociais acompanham esse processo, logo, a religião está presente. Há uma relação muito forte entre mídia e religião, em que essa tenta comunicar algo (ideologia, credo, ritual). Pensando nessa relação, observamos que o documentário – gênero do audiovisual – possui características peculiares que sintetizam relatos a partir de uma seleção e ordenação de informações. Desta forma a plataforma é eficaz para representar e fortificar uma crença.

As religiões de matriz africana se dividem entre diversos segmentos e linhagens. Dentre elas está o Tambor de Mina – religião de matriz africana praticada na região norte e nordeste do país. O Tambor de Mina é, além de religião, símbolo de resistência de um povo, pois resiste a intolerância religiosa ainda existente. Por essa e outras questões, que serão abordadas mais adiante, que o projeto é fundamentado.

O Tambor de Mina é pouco conhecido nas regiões sul e sudeste do país. Existem poucos documentários, se compararmos com outras religiões afro-brasileiras, que abordam o Tambor de Mina. Assim, surgiu o interesse em pesquisar sobre; sem falar na admiração pela cultura e religião afro, principalmente, a maranhense.

Tendo em vista que as ciências da comunicação são interdisciplinares, pois tornam-se objetos de estudo uma das outras, nota-se uma relação forte entre a comunicação, a história e a antropologia (LINDOSO, 2003). Tomando como base o documentário, esse projeto baseia-se em saber se o documentário “Danças Brasileiras: o Tambor de Mina” – realizado pela Tv Futura no ano de 2005 - retratou fielmente o Tambor de Mina da Casa Pedra de Encantaria⁴, na perspectiva do público devoto e do leigo? Tendo como principal base literária a obra “Desceu na Guma: o caboclo no Tambor de Mina” – da antropóloga Mundicarmo Ferreti⁵.

Nesse trabalho de pesquisa desempenham-se várias atividades, dentre elas: a contextualização do Tambor de Mina, através do terreiro estudado; análise do

⁴ Terreiro Pedra de Encantaria é a tradução de Terreiro Ilê Axé Otá Olé. Objeto de análise desse projeto.

⁵ Obra base de estudo desse projeto.

documentário como plataforma de representação e resistência; e a visibilidade do produto na perspectiva do público selecionado (leigo e devoto).

1. O Tambor de Mina da Casa Pedra de Encantaria

O Tambor de Mina é uma religião afro-brasileira, assim como o Candomblé e a Umbanda⁶. “O nome Tambor de Mina deriva da importância do tambor entre os instrumentos musicais e do forte de São Jorge da Mina, na atual República do Gana, por onde foram importados muitos escravos africanos” (FERRETI, 2013, p. 110). Segundo Mundicarmo Ferreti (1996), o Tambor de Mina é mais conhecido no norte do Brasil, tendo muitos devotos e praticantes no Pará e Maranhão. A religião começou a ser praticada no Maranhão em meados do século XIX, com a chegada dos negros vindos da África, especificamente, do antigo reino de Daomé, atual Benim⁷ (FERRETI, 1985 Apud SILVA, 2015).

O Tambor de Mina em sua origem e em sua essência é um culto a entidades espirituais africanas (voduns e orixás)⁸, que baixam na cabeça de seus filhos, nos ‘toques’ (rituais públicos, com tambor), realizados em sua homenagem, nos dias de festa dos santos católicos com os quais são associados nos terreiros (FERRETI, 1996 p. 36).

A Casa das Minas-jeje, localizada no município de São Luís – MA, foi o berço desta religião. A partir dela surgiram outras, como a Casa Nagô⁹, que também possui uma acentuada representação histórica da religião. É importante frisar que, assim como o Candomblé, o Tambor de Mina é dividido por nações ou tradições culturais (jeje, nagô, cambinda, fanti-ashanti)¹⁰, ou também, por linhas que são associadas à natureza (água doce, salgada, entre outras) e regiões (do Pará, da Bahia etc.). “Embora a classificação por ‘nação’ remeta ao continente africano e seja usada para acentuar semelhanças e

⁶ Religiões afro-brasileiras mais conhecidas no Brasil (Candomblé e Umbanda).

⁷ Reino africano de onde vieram negros escravizados.

⁸ Entidades africanas, que são cultuadas de modo hierárquico.

⁹ São tipos de cultos que variam de acordo com a nação.

¹⁰ Nações africanas.

diferenças entre voduns e orixás, aplica-se também a entidades não africanas” (FERRETI, 1996 p. 48). Esses modelos são seguidos em ordem hierárquica e diferem uns dos outros.

Além dessas casas, existem outros terreiros que são considerados como “híbridos que recebem, além de voduns, orixás, gentis e caboclos como entidades espirituais. São os chamados terreiros de encantaria ou ainda terreiros de cura” (FERRETI, 2000 Apud SILVA, 2015 p. 118). É um desses terreiros que tomamos como objeto de pesquisa.

A casa Ilê Axé Otá Olé, em português, Terreiro de Mina Pedra de Encantaria, localiza-se no município de Paço do Lumiar-MA, no famoso bairro do Maiobão, chefiada e dirigida pelo Babalaorixá José Itaparandi¹¹, que além de sacerdote é bacharel em Turismo e militante popular – “a relação com a casa e com a comunidade transcende a espiritualidade, pois sou pai para tudo” (ITAPARANDI, 2018).

O terreiro segue orientação Vodun Badé¹², nação Nagô, com influência do povo Cambinda, podemos dizer então que, pertence as seguintes nações: Nagô, Cambinda e possui um lado Jeje por interferência de Badé, associado a Xangô¹³ (CUNHA, 2002 Apud LINDOSO, 2003).

Segundo José Itaparandi, atualmente, a casa tem cerca de 150 praticantes que variam entre filhos e mães de santos, sendo que 70% são mulheres. Há, também, um público grande que vão a casa para assistir aos cultos. É importante frisar que, o terreiro não é só um centro religioso como cultural e social, haja vista que desempenha projetos comunitários, como: a festa em homenagem a Cosme e Damião¹⁴ realizada no dia 27 de setembro, movimento de combate as drogas e acolhimento de pessoas em vulnerabilidade social (desabrigados, soro positivo, dependentes químicos). “A casa consegue abraçar a comunidade com o que pode” (ITAPARANDI, 2018)¹⁵. O centro tem a visão de melhorar e contribuir para o desenvolvimento social de toda a comunidade.

1.1 O Documentário como plataforma de representação e resistência

¹¹ Babalaorixá: chefe espiritual e administrador da casa (terreiro).

¹² Entidade espiritual.

¹³ Orixá – entidade espiritual. Deus da força.

¹⁴ Santos católicos.

¹⁵ ITAPARANDI, José. Pai de Santo – Pedra de Encantaria. Entrevista concedida a Lucas Fonseca. Vila Velha, 14 setembro 2018.

Gênero do audiovisual que utiliza técnicas do cinema e aproxima-se da prática jornalística. O documentário pretende não só descrever como interpretar o mundo da consciência coletiva, onde se torna um lugar de revelação e acesso a verdade. Nele há uma tentativa em explicar o acontecimento, não como um espelho idêntico, mas como a representação de fatos, que podem ser ou não concretos (DE MELO, 2002). Haja vista que, a subjetividade e a parcialidade são fortes na produção de um documentário, ou seja, o diretor o cria colocando seu ponto de vista e sua exposição, deixando-a clara para o espectador. Podemos dizer então, que “documentário é um gênero fortemente marcado pelo ‘olhar’ do diretor sobre seu objeto” (DE MELO, 2002 p. 29).

“Danças Brasileiras” foi uma série de documentários feita pela Tv Futura no ano de 2005. O objetivo do audiovisual foi mostrar as danças tradicionais brasileiras, com o intuito de conhecer e apresentar esses movimentos culturais. Ele foi apresentado pela dupla de artistas Antônio Nóbrega e Rosane Almeida, que conheceram de perto vários movimentos artísticos, culturais e religiosos, dentre eles: o Candomblé e o Tambor de Mina, ambos religiões afro-brasileiras que utilizam a dança como culto ao sagrado.

O Terreiro de Mina Pedra de Encantaria foi objeto de estudo e gravações, em que expuseram alguns elementos, tais como: cultos antigos da casa (arquivo) e outros gravados pela própria produção; o interior do terreiro e os objetos sagrados, como o tambor – chamado de abata¹⁶ – algumas imagens de caboclos e encantados; além de uma entrevista com o sacerdote José Itaparandi, que conta sua história e um pouco do Tambor de Mina. O foco principal do audiovisual foi mostrar a dança presente na religião.

O documentário está dividido em duas partes: a primeira 6’:46” e a outra 6’:40”. Ele está disponível no “YouTube” no canal Hilton Sousa, que foi publicado pelo mesmo em 2007, tem 36.908 visualizações e 09 comentários.

1.2. “Armando as arapucas”

O público devoto foi selecionado a partir do Pai José Itaparandi, que forneceu o contato de alguns filhos de santo e de outros sacerdotes, como o Pai Alê de Badé¹⁷, que é um babalaorixá e chefia um terreiro em Belém do Pará. A seleção dos entrevistados

¹⁶ Instrumento musical presente na Mina. Abatazeiro – pessoa que toca o instrumento.

¹⁷ RODRIGUES, Alexandre. Pia de Santo – Aqueleomã. Entrevista concedida a Lucas Fonseca. Vila Velha, 12 Janeiro 2018.

praticantes deu-se forma unificada em que foi colocado em consideração, tempo e atribuições dentro da ‘Mina’¹⁸. As entrevistas foram feitas via rede social (whatsapp)¹⁹, em que foi enviado o ‘link’ do documentário e a posteriori os entrevistados foram submetidos a perguntas; essa foi a forma mais prática e eficaz de entrevistar os praticantes do Tambor de Mina. As perguntas foram as mesmas para todos, mesmo sendo um tipo de entrevista pessoal, em que foi abordada questões pessoais, como tempo de religião, atribuições dentro da ‘Mina’, etc.

A seleção do público leigo foi feita a partir do convívio pessoal com pessoas que nunca tiveram contato com religião. Essas são estudantes e professores, que desempenham algum tipo de pesquisa científica na área da comunicação. Algumas entrevistas foram feitas pessoalmente, em que foi mostrado o documentário e depois feita as perguntas; outras foram feitas via rede social. Todos foram submetidos as mesmas perguntas, com intuito de sabermos o ponto de vista da pessoa sobre o Tambor de Mina através do documentário.

Ao todo foram entrevistados 8 pessoas, em que 3 eram praticantes da religião e 5 nunca tiveram contato com ela. Nosso objetivo foi saber a perspectiva do público sobre o documentário, com enfoque no leigo, por isso um número maior de entrevistados. Sendo assim, partimos da questão problema: o documentário realizado pela Tv Cultura retratou fielmente o Tambor de Mina? O documentário pode ser uma plataforma de representação e resistência de uma religião secular?

1.3. O olhar do “mineiro”

As perspectivas do público devoto, em geral, são parecidas uma com as outras. Ao todo foram entrevistados três membros do Tambor de Mina, em que estes são praticantes fieis da religião, sendo que dois são babalaorixás e possuem seus terreiros. Assim, podemos ter uma segurança a partir da fala desses sacerdotes.

Para esse público o documentário foi bem produzido em um contexto geral. Sendo que apresentou a casa como parte da religião, como voz de um povo. “Toda forma de comunicação enriquece o Tambor de Mina” (ITAPARANDI, 2018)²⁰. Como o objeto de

¹⁸ Abreviação para Tambor de Mina. “Mineiro” é quem pratica o Tambor de Mina.

¹⁹ Rede social de relevância internacional. Prática e útil.

²⁰ ITAPARANDI, José. Pai de Santo – Pedra de Encantaria. Entrevista concedida a Lucas Fonseca. Vila Velha, 12 outubro 2018.

pesquisa do documentário foi a dança presente no Tambor de Mina, ele não pôde deixar de colocar a religião. Porém, na visão dos praticantes, faltou abordar mais sobre a casa. Por exemplo: Natinho Galdez (2018)²¹, filho da casa Ilê Axé Otá Olé, quando questionado sobre a avaliação do documentário, afirmou: “Muito rico, mas deviam aprofundar mais. Não em um contexto histórico e acadêmico, mas sim nos saberes de meu pai”; no caso o “Pai” que ele se refere é o chefe da casa. Essa visão, também, foi ressaltada por Alexandre Rodrigues (Pia Alê de Badé)²² – sacerdote e chefe do terreiro Aqueleomã²³ – “Faltou abordar mais a casa fora do sagrado”, ou seja, em nenhum momento o documentário mostrou o que a casa realiza em prol e com a comunidade, como: movimentos culturais e sociais.

Outrossim, destaca-se, a presença da dança. A final de contas, o foco do documentário é na dança realizada no culto do Tambor de Mina. Na visão dos entrevistados, a dança na ‘Mina’ é mais que o ato de ‘dançar’: “A dança nos eleva ao sagrado” (RODRIGUES, 2018)²⁴. A união entre os instrumentos e a dança faz ser o que a ‘Mina’ é. Segundo Pai Alê, esse conjunto é primordial para que ocorra o ritual. A dança foi muito bem apresentada no documentário, foi a parte em que os entrevistados ficaram, inteiramente, satisfeitos.

Por fim, quando questionados sobre o documentário como plataforma de representação e resistência, eles abordaram o mesmo pensamento, em que o recurso do audiovisual consegue mostrar a força, a cultura, a fé e a existência de um povo. É importante frisar, que existem poucos documentários sobre a religião, por isso a escassez de entendimento da ‘Mina’ até mesmo no universo das religiões afro-brasileiras. “Existem poucas obras dessa sobre a Mina, principalmente, se compararmos ao Candomblé” (RODRIGUES, 2018).

Mesmo sendo selecionado e pequeno o número de entrevistados, eles representam a história e a existência da Mina, pois são “chefes” e são professores de uma “nação”. A

²¹ GALDEZ, Natinho. Membro da casa Pedra de Encantaria. Entrevista concedida a Lucas Fonseca. Vila Velha, 13 outubro 2018.

²² RODRIGUES, Alexandre. Pai de Santo – Aqueleomã. Entrevista concedida a Lucas Fonseca. Vila Velha, 12 Janeiro 2018.

²³ Nome do Terreiro de culto jeje-nagô.

²⁴ RODRIGUES, Alexandre. Pai de Santo – Aqueleomã. Entrevista concedida a Lucas Fonseca. Vila Velha, 12 Janeiro 2018.

visão dos três foi, de certa forma, uniforme. Isso mostra que a perspectiva do público praticante se dá de maneira linear e não diverge em nenhum momento.

1.4. A perspectiva do leigo

O tratamento com os leigos foi diferente, visto que eles são o foco principal da entrevista; foi a partir desses diálogos que conseguimos romper com a hipótese e chegar em uma conclusão.

A visão do leigo sobre o documentário, foi a de quem assisti um filme de gênero desconhecido e comenta sobre. Em que descreve as cenas e os pensamentos de alguém que produziu o produto. O público foi bem misto em relação a crença: alguns eram católicos, outros protestantes e um ateu²⁵. Dessa forma, conseguimos ouvir e entender a perspectiva de pessoas com características religiosas e não religiosas. Em geral a concepção foi a mesma.

Quando perguntados o que é o Tambor de Mina, segundo o documentário? Todos responderam com tal pensamento: uma religião afro-brasileira cultuada no Maranhão. Vale ressaltar, que eles citavam as cenas. Porém, não conseguiram identificar características da Mina, e até mesmo do universo afro religioso, como por exemplo: Pai de Santo, caboclo, encantado e terreiro. Essa não identificação é justificada, pois o documentário não abordou essas palavras e outras expressão que caracterizam a religião.

Como o produto foi pautado na dança e sua relação com a religião, os entrevistado identificaram esse relacionamento. “A dança é uma força que caracteriza as entidades” (OLIVEIRA, 2018)²⁶, a partir da resposta desse entrevistado e de outros é possível observar que o documentário, realmente, conseguiu transmitir a mensagem que obteve emitir. Nota-se, também, que a perspectiva desse público, sobre a dança, é a mesma dos “mineiros”. Assim, podemos dizer que o público leigo conseguiu entender o papel da dança no Tambor de Mina.

Podemos destacar a visão sobre o documentário como plataforma de representação da religião, na qual esse público defendeu muito bem o uso dessa plataforma com tal objetivo, visto que só tende a enriquecer e emanar o significado e a

²⁵ Religiões cristãs e a posição de não crença em “Deus”.

²⁶ OLIVEIRA, Luan. Estudante de Comunicação Social. Entrevista concedida a Lucas Fonseca. Vila Velha, 15 outubro 2018.

presença da religião. “É importante transmitir a fé, a crença e a cultura” (BOMTEMPO, 2018)²⁷. Em suma, o público conseguiu entender o documentário e seu valor enquanto recurso de comunicação. Porém, a perspectiva sobre a religião e a visão da casa é rasa.

Conclusão

O documentário foi bem produzido de acordo com seu objetivo: mostrar a dança presente no Tambor de Mina; conseguiu expor elementos que fazem parte da religião e mostrou um pouco da casa. Entretanto, ele deixou a desejar em relação a essência da religião, no qual isso é percebido pelos entrevistados, principalmente, o leigo. Vimos anteriormente, que de fato o recurso do documentário é parcial e representa a visão do diretor, mas em nenhum momento a obra executada mostrou a religião, o que ela é, para que serve, como funciona. Nem a casa que foi objeto de gravação e pesquisa, foi realmente retratada, haja vista que, não foram expostos os objetivos da casa para com a sociedade, o trabalho feito ali e com a comunidade.

É válido ressaltar que, o objetivo principal do documentário foi alcançando, onde conseguimos identificar através das entrevistas. Assim, os “mineiros” conseguiram identificar o significado da dança presente no documentário; e o público leigo, conseguiu entender o que a dança significa dentro do Tambor de Mina.

A visão dos dois públicos sobre o uso do documentário com intuito de promover um representação e um resistência religiosa e cultural, são idênticas. Em que eles afirmam que o documentário pode e deve ser usado com esse objetivo. Assim, chegamos a conclusão de que: o documentário, enquanto recurso audiovisual, pode representar e ser recurso de resistência de uma religião, principalmente, estando em plataforma universal de conteúdo, no caso deste o “YouTube”. Porém é preciso investigar mais sobre o uso desse recurso dentro do universo religioso, ou seja, até onde podemos saber? Tudo pode ser revelado? É possível narrar a presença do sagrado?

Essas e outras perguntas fortalecem ainda mais a pesquisa, pois abre espaço para novas buscas e novos “horizontes”. Por isso, essa primeira fase serve de base para a produção de um documentário, que será realizado no Terreiro de Mina Ilê Axé Otá Olé, com intuito de elencar características e significados que tornam o Tambor de Mina único.

²⁷ BOMTEMPO, Bruno. Estudante de Administração. Entrevista concedida a Lucas Fonseca. Vila Velha, 14 outubro 2018.

Referências bibliográficas

DANÇAS BRASILEIRAS. Canal Curta, 2012. Disponível em: <www.canalcurta.tv.br>. Acesso: 29 ago. 2018.

DANÇAS BRASILEIRAS. O Tambor de Mina. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso: 23 ago. 2018.

DE MELO, Cristina Teixeira. O documentário como gênero audiovisual. *Comun. Inf.*, v. 5, n. 1/2, p.25-40, jan/dez (UFG). 2002. Disponível em: <www.revistas.ufg.br>. Acesso: 27 ago. 2018.

FERRETI, Mundicarmo. *Desceu na Guma: o caboclo no Tambor de Mina*. 2 ed. São Luís: Ediufma, 1996. Disponível em: <www.gpmina.ufma.br>. Acesso: 10 ago. 2018.

LINDOSO, Gerson. Os meios de comunicação no universo afro religioso maranhense: cultura mística e viva a oxalá. INTERCOM Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP17_lindoso.pdf>. Acesso: 21 ago. 2018.

LUCE, Patrícia. *Sobre as religiões de matriz africana no Brasil. Água de beber camará*, 2010. Disponível em: <www.aguadebebercamara.blogspot.com>. Acesso: 30 ago. 2018.

SILVA, Gisélia Castro. *Cultura popular e comunicação contemporânea no Brasil: televisão e telejornalismo na Bahia e no Maranhão*. 2015. 344 f. Tese de doutorado – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <www.repositorio.ufba.br>. Acesso: 20 ago. 2018.